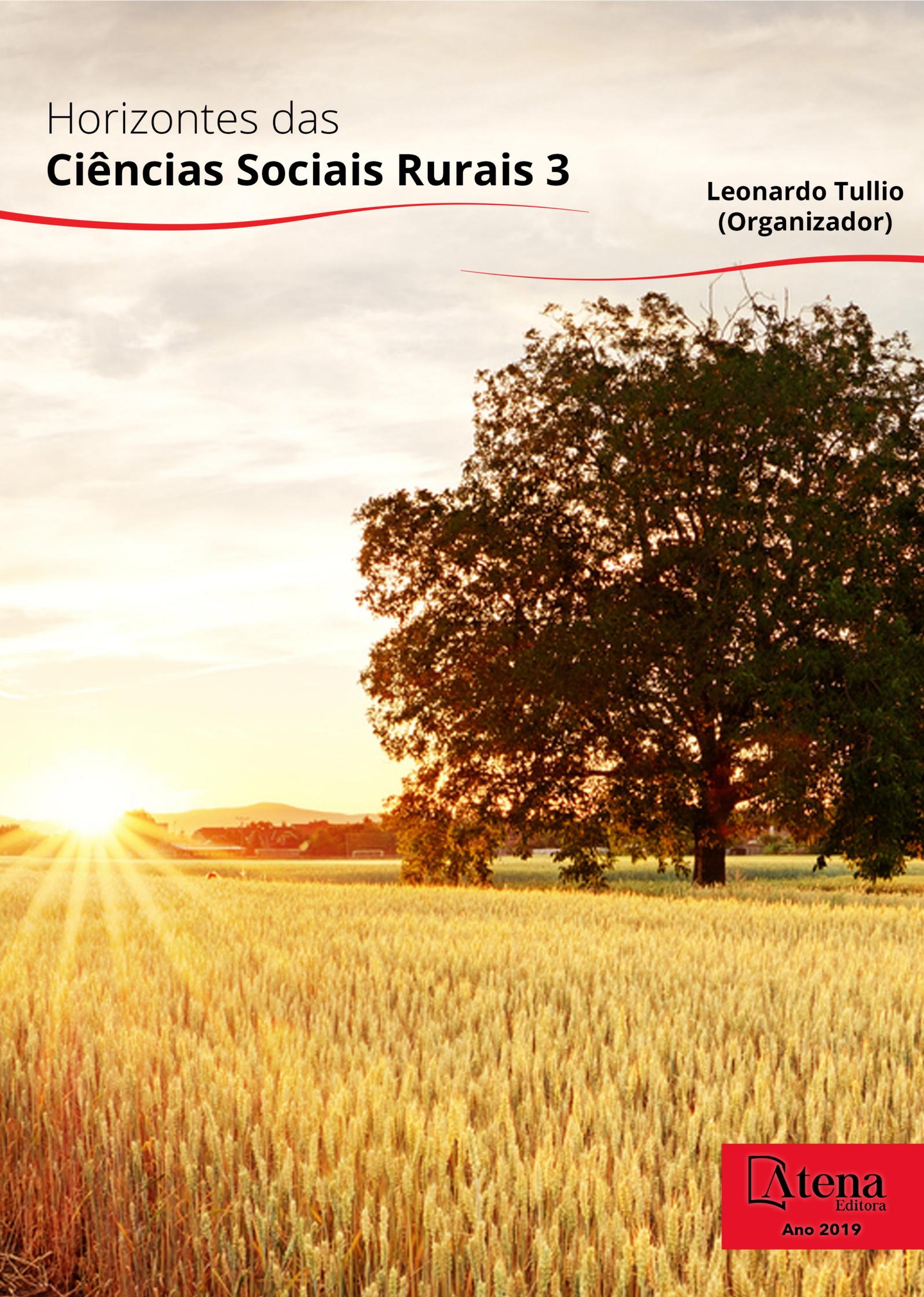


Horizontes das **Ciências Sociais Rurais 3**

**Leonardo Tullio
(Organizador)**



Atena
Editora

Ano 2019

Leonardo Tullio

(Organizador)

Horizontes das Ciências Sociais Rurais

3

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H811 Horizontes das ciências sociais rurais 3 [recurso eletrônico] /
Organizador Leonardo Tullio. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Horizontes das Ciências Sociais Rurais; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-132-9

DOI 10.22533/at.ed.329191802

1. Agronegócio. 2. Pesquisa agrícola – Brasil. I. Tullio, Leonardo.
II. Série.

CDD 630.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste III volume, apresentamos as aplicações práticas das técnicas de extensão rural, trabalhos aplicados a resolução de problemas reais e que propõem estratégias para o sucesso no empreendimento.

Tratar sobre o agronegócio envolve vários setores, a complexidade deve ser entendida para estabelecer relações e resoluções de problemas. Os horizontes da ciência social rural são inúmeros e que juntos formam a cadeia do agronegócio, que gera oportunidade de trabalho e renda para milhares de pessoas. Discutir sobre esses horizontes, analisar e propor alternativas é o futuro sendo traçado, pois a complexidade e o avanço tecnológico que estamos passando exige conhecimento técnico avançado.

Assim, contribuimos com esse avanço quando desenvolvemos pesquisas e publicamos para que outras pessoas possam discutir e validar a proposta, sendo a disseminação de resultados a chave para a complexidade do conhecimento.

Por fim, aproveito e desejo boas leituras e olhar crítico sobre os temas a presentados neste volume, construa seu conhecimento pouco a pouco.

Leonardo Tullio

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DO CLUSTER VINÍCOLA DA FRONTEIRA OESTE/RS ATRAVÉS DO MODELO TEÓRICO ZACCARELLI ET AL (2008)	
<i>Matheus de Mello Barcellos</i>	
<i>Katiane Rossi Haselein Knoll</i>	
<i>Paulo Cassanego Jr</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918021	
CAPÍTULO 2	17
ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DOS PRINCIPAIS COMPLEXOS EXPORTADORES DO AGRONEGÓCIO GAÚCHO	
<i>Mygre Lopes da Silva</i>	
<i>Rodrigo Abbade da Silva</i>	
<i>Bruno Pereira Conte</i>	
<i>Nadine Gerhardt Lermen</i>	
<i>Daniel Arruda Coronel</i>	
<i>Reisoli Bender Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918022	
CAPÍTULO 3	31
O COMÉRCIO BILATERAL ENTRE BRASIL E VENEZUELA DE 1998-2013	
<i>Eliane Aparecida Gracioli Rodrigues</i>	
<i>Ariana Cericatto da Silva</i>	
<i>Priscila Marçal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918023	
CAPÍTULO 4	47
ANÁLISE DA VIABILIDADE ECONÔMICA DA AGROINDÚSTRIA DE LEITE E DERIVADOS DO MUNICÍPIO DE FEIJÓ-AC	
<i>Emerson Luiz Curvêlo Machado</i>	
<i>Raimundo Claudio Gomes Maciel</i>	
<i>Pedro Gilberto Cavalcante Filho</i>	
<i>Reginaldo Silva Mariano</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918024	
CAPÍTULO 5	65
ESTIMATIVA DAS EMISÕES DE GASES DE EFEITO ESTUFA PROVENIENTES DA PECUÁRIA LEITERIA DA REGIÃO DO CONDEPRO/RS	
<i>Thelmo Vergara de Almeida Martins-Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918025	
CAPÍTULO 6	83
ANÁLISE OPERACIONAL DA ATIVIDADE DE PROCESSAMENTO DE LEITE E DERIVADOS DO INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS – CAMPUS BAMBUÍ	
<i>Uellington Corrêa</i>	
<i>Bruna Pontara Vilas Boas Ribeiro</i>	
<i>Érik Campos Dominik</i>	
<i>Gideon Carvalho de Benedicto</i>	
<i>Bryan William Alvarenga Corrêa</i>	
<i>Israel Marques da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918026	

CAPÍTULO 7 101

ESTUDO DOS CUSTOS E RECEITAS DE LABORATÓRIOS DE PRODUÇÃO E PRÁTICA DO INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS – CAMPUS BAMBUÍ

Uellington Corrêa
Bruna Pontara Vilas Boas Ribeiro
Gideon Carvalho de Benedicto
Francisval de Melo Carvalho
Renato Silvério Campos
Bryan William Alvarenga Corrêa

DOI 10.22533/at.ed.3291918027

CAPÍTULO 8 113

ANÁLISE OPERACIONAL DA ATIVIDADE LEITEIRA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS – CAMPUS BAMBUÍ

Uellington Corrêa
Marcos Aurélio Lopes
Bruna Pontara Vilas Boas Ribeiro
Gideon Carvalho de Benedicto
Israel Marques da Silva
Bryan William Alvarenga Corrêa

DOI 10.22533/at.ed.3291918028

CAPÍTULO 9 130

ANÁLISE DE CAUSALIDADE DE PREÇOS NO MERCADO INTERNACIONAL DA SOJA: O CASO DO BRASIL, ARGENTINA E ESTADOS UNIDOS

Bruna Márcia Machado Moraes
Reisoli Bender Filho
Kelmara Mendes Vieira
Paulo Sérgio Ceretta

DOI 10.22533/at.ed.3291918029

CAPÍTULO 10 145

A INFLUÊNCIA DA TAXA DE CÂMBIO NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA *IN NATURA*

Bruna Márcia Machado Moraes
Reisoli Bender Filho
Daniel Arruda Coronel

DOI 10.22533/at.ed.32919180210

CAPÍTULO 11 161

ANÁLISE ECONÔMICA SOBRE O IMPACTO DA PRODUÇÃO DE MANDIOCA NA REGIÃO DE PARANAÍ – PR

Aline de Queiroz Assis Andreotti Pancera
Ednaldo Michellon
Alexandre Florindo Alves

DOI 10.22533/at.ed.32919180211

CAPÍTULO 12 178

ELASTICIDADE DE TRANSMISSÃO DE PREÇOS DA CARNE DE FRANGO NO MERCADO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Uellington Corrêa
Bruna Pontara Vilas Boas Ribeiro
Francisval de Melo Carvalho
Gideon Carvalho de Benedicto
Euler de Assis Corrêa
Bryan William Alvarenga Corrêa

DOI 10.22533/at.ed.32919180212

CAPÍTULO 13 192

CAUSALIDADE E ELASTICIDADE DE TRANSMISSÃO DE PREÇO DE SUÍNOS EM TERMINAÇÃO ENTRE MERCADOS BRASILEIROS

Uellington Corrêa
Bruna Pontara Vilas Boas Ribeiro
José Willer do Prado
Bryan William Alvarenga Corrêa
Euler de Assis Corrêa
Gideon Carvalho de Benedicto

DOI 10.22533/at.ed.32919180213

CAPÍTULO 14 209

ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO NO ESTADO DO PIAUÍ NA VISÃO DOS PRODUTORES NO TERRITÓRIO RURAL PLANÍCIE LITORÂNEA

Maria de Jesus Gomes de Lima
José Newton Pires Reis
Patrícia Verônica Pinheiro Sales Lima
Edvania Gomes de Assis
Francisco Pereira da Silva Filho
James José de Brito Sousa

DOI 10.22533/at.ed.32919180214

CAPÍTULO 15 226

A APLICAÇÃO DOS RECURSOS DO PRONAF CUSTEIO E INVESTIMENTO NO BRASIL: 2013 A 2016

Lidiane Kasper
Dionéia Dalcin
Carlos Thomé
Juliana Strieder Kern

DOI 10.22533/at.ed.32919180215

CAPÍTULO 16 242

SAZONALIDADE DOS PREÇOS: UMA ANÁLISE DA BANANA DE SEQUEIRO, DA CANA DE AÇÚCAR E DO MILHO NAS MICRORREGIÕES DO CEARÁ

Gerlânia Maria Rocha Sousa
Meire Eugênia Duarte
José Wandemberg Rodrigues Almeida
Fábio Lúcio Rodrigues
Railson Alexandrino dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.32919180216

CAPÍTULO 17	259
ANÁLISE DE GÊNERO E AUTONOMIA FINANCEIRA NA AGRICULTURA FAMILIAR: UM ENFOQUE NO PROGRAMA “GÊNERO E GERAÇÃO”	
<i>Renata Borges Kempf</i>	
<i>Simão Ternoski</i>	
<i>Josiane Caldas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32919180217	
CAPÍTULO 18	277
A POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL RURAL NO NOROESTE DE MINAS: AVALIAÇÃO DO PROINF ENTRE 2003 E 2012	
<i>Clesio Marcelino de Jesus</i>	
<i>José Flores Fernandes Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32919180218	
CAPÍTULO 19	298
CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EXTRATIVO DA CARNAÚBA À LUZ DAS CONVENÇÕES COLETIVAS DOS ANOS DE 2013 A 2017	
<i>José Natanael Fontenele de Carvalho</i>	
<i>Jaíra Maria Alcobaça Gomes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32919180219	
SOBRE O ORGANIZADOR	314

ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DO CLUSTER VINÍCOLA DA FRONTEIRA OESTE/RS ATRAVÉS DO MODELO TEÓRICO ZACCARELLI ET AL (2008)

Matheus de Mello Barcellos

Universidade Federal do Pampa

Santana do Livramento – Rio Grande do Sul

Katiane Rossi Haselein Knoll

Universidade Federal do Pampa

Santana do Livramento – Rio Grande do Sul

Paulo Cassanego Jr

Universidade Federal do Pampa

Santana do Livramento – Rio Grande do Sul

RESUMO: A presente pesquisa tem por objetivo analisar a geração de competitividade do cluster vinícola da Fronteira Oeste/RS. Para tanto foi realizada um estudo por meio do procedimento técnico de estudo narrativo. Foi avaliada a existência dos 11 fundamentos propostos pelo modelo Zaccarelli *et al* (2008) no agrupamento. Utilizou-se duas fontes de dados, uma fonte secundária por meio de pesquisa bibliográfica e outra primária através de entrevistas com gestores de organizações participantes desse cluster. O cluster apresentou a existência de apenas 4 fundamentos com um bom nível de qualidade e outros 3 em um menor nível. Esses dados indicam que este apresenta-se em um estágio intermediário de evolução e geração de competitividade, trazendo benefícios para as empresas que o formam, porém ainda aquém de suas possibilidades. Como limitações do estudo destacam-se o fato da pesquisa bibliográfica

realizada não ser exaustiva e a utilização de dados do município de Sant’Ana do Livramento/RS como parâmetro para a Fronteira Oeste/RS.

PALAVRAS-CHAVE: Cluster; Competitividade; Vinícola.

ABSTRACT: This research aims to analyze the generation of competitiveness of the winery cluster of West Frontier/RS. For this reason, it was performed a study through technical procedures of narrative study. It was analyzed the existence of eleven foundations proposed by Zaccarelli *et al* (2008) in the cluster. Two data sources were used: secondary, through a bibliographic research and primary, through interviews which a managers of the organizations which were participating in this cluster. The cluster the existence of only 4 foundations with a good level of quality and other 3 with a lower level. These data indicate that the winery cluster in West Frontier presents itself as being at an intermediate stage of evolution and competitiveness, bringing benefits to the firms which are in it, however, being still in a low position considering its potentials. As limitations of the study, the fact that the bibliographic research carried out is not exhaustive and the use of data from Sant’Ana do Livramento/RS as a parameter for West Frontier/RS.

KEYWORDS: Cluster, Competitiveness, Winery.

1 | INTRODUÇÃO

Na década de 1970 estudos realizados no município de Sant’Ana do Livramento, localizado na região da campanha e fronteira oeste do Rio Grande do Sul, comprovaram a excelência do solo e do clima para a produção vinícola, fato que incentivou o início desse tipo de produção na região. Com o passar dos anos essa produção mostrou-se viável e, como consequência, acabou por incentivar o surgimento de outras produtoras vinícolas e produtores de uva destinada à fabricação de vinhos (Flores, 2011).

A simples existência desse tipo de agrupamento não garante geração de competitividade para as organizações (Petrocchi, 2009). É necessário que se apresente certo grau de maturidade nas relações existentes entre as organizações neste agrupamento (Castro, 2009). A partir desse ponto os agentes participantes desse grupo realizam ações conjuntas objetivando um ganho de competitividade através de melhoras na capacidade produtiva, no capital social e na obtenção de informações (Ipiranga, 2008).

Desta forma, aqueles que desejam avaliar os impactos de um cluster em suas organizações o devem fazer através de uma análise da qualidade de suas interações e do seu grau de maturidade, para a partir de então saber seus impactos nos agentes que o formam. De maneira que, o objetivo do presente estudo é analisar a geração de competitividade do cluster vinícola da Fronteira Oeste/RS para com as empresas que o formam (Zaccarelli *et al*, 2008). Sendo utilizados como base para esta análise dados provenientes do município de Sant’Ana do Livramento/RS, o município com a maior produção bruta de produtos vitivinícolas da região.

2 | OS CLUSTERS

Maskell e Lorenzen (2004) afirmam que a aglomeração de organizações é um fenômeno caracterizado pela existência de diversas entidades independentes em uma mesma localização que apresentam alguma correlação produtiva, porém sem haver nenhuma ligação direta por meio de gestão compartilhada.

Com o passar do tempo o conceito cluster passou a ter um significado mais abrangente. Considerando-se participantes de um cluster todas as organizações que interagem ao longo da cadeia produtiva. Assim como também os fornecedores, empresas finais, associações, entidades sindicais, instituições de suporte empresarial e instituições de ensino (Hsieh; Lee; Ho, 2012; Molina-Morales, 2006). Um exemplo disso é de que, atualmente, observa-se um aumento de políticas públicas direcionadas a clusters devido à sua relação com o desenvolvimento regional. Consequentemente esses entes públicos também passam a ser considerados possíveis participantes devido a esse tipo de interação (Marini; Silva, 2014).

Há, portanto, uma gradual evolução nesse conceito principalmente sobre

o tipo de empresas participantes e suas atuações. Inicialmente havia uma ideia mais específica sobre uma atuação direta na produção do produto final, em quanto atualmente já se adota a posição de que participariam do cluster todas as empresas que se relacionam direta ou indiretamente com a produção (Garnica, 2009; Zaccarelli *et al*, 2008).

2.1 Geração de competitividade

Clusters geram competitividade para as empresas que o compõem de duas formas diferentes: de maneira extrínseca e/ou intrínseca às organizações.

Os diferenciais extrínsecos às organizações são aqueles que geram competitividade sem a necessidade de haver mudanças dentro das organizações ou de seus processos administrativos. Um exemplo disso são os diferenciais competitivos obtidos a partir da localização da empresa em uma certa área geográfica (melhores terras, mão de obra barata e qualificada ou incentivos fiscais, por exemplo) (Zaccarelli *et al*, 2008).

Enquanto as vantagens intrínsecas são aquelas que geram diferenciais competitivos através da mudança de áreas internas da organização, como mudanças nos processos produtivos ou administrativos. Estas também são caracterizadas como vantagens retroalimentáveis (Santos; Diniz; Barbosa, 2004). Tendo conexão com o aumento contínuo da produção, participação de mercado ou diversificação de produtos. Esse tipo de vantagem é obtido através de interações multissetoriais entre empresas parceiras que acabam por gerar ganho de escala, tanto em poder de negociação como de produção (Hsieh; Lee; Ho, 2012).

Esse aumento de competitividade é gerado através da interação entre as organizações, de forma sistêmica, devido a três fatores distintos: “a) o desenvolvimento da capacidade produtiva e inovadora; b) o fortalecimento do capital social e da governança; c) o aprendizado e a formação de competências territoriais e dos atores/agentes” (Ipiranga, 2008, p. 3).

O ganho de capacidade produtiva e inovadora só é obtido, nesse contexto, através das relações de troca de informações mercadológicas, produtivas e tecnológicas (Mention, 2011; Zeng; Xie; Tam, 2010), interações por meio de outras instituições como a realização de feiras, cursos, seminários, entre outros (Belussi; Samara; Sedita, 2010) e interação de competências com a realização de projetos conjuntos que visem a melhoria dos processos e do produto final, ou até o desenvolvimento destes (Castro, 2009).

O fortalecimento do capital social e da governança, de mesma forma, necessita de cooperação e troca de informações entre as organizações. Só que nesse caso voltadas para o desenvolvimento de seu capital social, projetos que criem um processo de empatia e valorização entre essas empresas, seus funcionários e o público a qual elas atendem. Como em projetos conjuntos que qualifiquem os funcionários dessas organizações, ou por meio de ações que melhorem a sociedade em que esse grupo

está inserido (Santos, 2012).

Para se chegar a tal resultado é necessário que o conhecimento que uma empresa tem ou ainda as suas estruturas, ligações e relações produtivas, estejam conforme com o meio em que ela atua. Havendo a formação de competências relacionadas ao território em que essas empresas estão inseridas e dos agentes que interagem como a mesma (Ipiranga, 2008; Scarpin *et al*, 2012). Uma base para a criação de competitividade, nessas situações, é a troca comercial e tecnológica que só acontece a partir da dinâmica cultural organizacional das empresas. Esta serve como parâmetro para a forma com que a empresa se relacionará com seus parceiros. Se a cultura e os processos de uma empresa não estiverem adequados ao seu ambiente organizacional, então ela estará colocando em risco a competitividade de seu arranjo e, conseqüentemente a sua própria (Artuso; Langrafe; Boaventura, 2012).

Essa geração de competitividade pode ser atingida por clusters de qualquer setor econômico, sem existir restrições a certas áreas, setores ou porte de empresas (Oliveira; Torkomian, 2005; Porter, 1998; Tisott; Schmidt; Waquil, 2017).

2.2 Modelo de avaliação de competitividade de Zaccarelli *et al* (2008)

Os estudos com relação a avaliações das vantagens competitivas obtidas por empresas presentes em clusters tiveram início com Marshall no ano de 1890. Pereira *et al* (2014) ressalta que posteriormente a literatura acerca do tema vem evoluindo, havendo o surgimento de diversos outros modelos de análise. Porém, sendo o modelo mais completo para avaliação de competitividade de clusters o proposto por Zaccarelli *et al* (2008).

Para Zaccarelli *et al* (2008) os clusters são um tipo de sistema que estão em um contínuo processo evolutivo. Isto ocorre através de dois fatores, a auto-organização e a governança supra empresarial. A auto-organização supra empresarial é um conjunto de fatores derivados da aglomeração de várias empresas em uma pequena concentração geográfica que acabam por gerar vantagem competitiva para as mesmas. Como um aumento de fluxo de clientes devido a uma maior variedade de opções de compra.

Enquanto a governança empresarial se apresenta como uma evolução da auto-organização. Onde as empresas do aglomerado interagem entre si de forma a orientar ações de caráter estratégico, visando a vitalidade e o aumento de competitividade de todo o grupo. Nesse contexto se encontram a criação de acordos, aconselhamentos e operações que busquem a melhoria de diversas organizações ao mesmo tempo (Zaccarelli *et al*, 2008).

Com base nisso, os autores desenvolveram um modelo para avaliar a maturidade e a geração de competitividade de um cluster através da existência e qualidade de onze fundamentos. Sendo esses divididos em dois grupos, do primeiro até o nono são fatores relativos à auto-organização, enquanto o décimo e o décimo primeiro têm relação com a governança supra organizacional.

3 | METODOLOGIA

Desde o ponto de vista dos objetivos, esta pesquisa se classifica como descritiva (Gil, 2008). Quanto à abordagem do problema classifica-se como qualitativa e quantitativa. Sendo analisados dados em parte subjetivos e em parte quantificáveis, como a qualidade da cooperação entre empresas e o quociente locacional do cluster (Cervo; Bervian; Silva 2007).

A partir do ponto de vista dos procedimentos técnicos esta pesquisa é um estudo narrativo. Sendo este um método que envolve a análise de pequenas populações, focando de forma mais específica na narrativa do tema estudado na pesquisa do que especificamente nas organizações ou indivíduos envolvidos (Creswell, 2014).

Foram analisados tanto dados secundários, como primários. Os dados secundários foram provenientes de instituições de pesquisa e publicações científicas da área.

Enquanto o levantamento dos dados primários ocorreu através de entrevistas com roteiro semiestruturado realizadas com gestores das empresas participantes do cluster. Utilizou-se na formação do roteiro o modelo teórico de Zaccarelli *et al* (2008), ao passo que as métricas de avaliação foram adaptadas para que viessem a condizer com o objeto de estudo. Ação proposta e realizada por outros autores (Lacerda *et al*, 2014; Rodrigues *et al*, 2014). O Quadro 1 apresenta as métricas propostas por Zaccarelli *et al* (2008) para cada um dos fundamentos, as métricas adaptadas para realização do presente artigo e o tipo de dado utilizado para a análise das mesmas.

FUNDAMENTO	MÉTRICA DO MODELO DE ZACCARELLI <i>ET AL</i> (2008)	MÉTRICAS UTILIZADAS	DADOS ANALISADOS
1. Concentração geográfica	Distância dos principais concorrentes (Km).	- Quociente Locacional	Dados Secundários
2. Abrangência de negócios viáveis e relevantes	Percentual de negócios de importância externos ao cluster (%).	- Variedade de negócios que contemplem fases da cadeia vinícola.	Dados Primários
3. Especialização das empresas	Número de negócios presentes potencialmente passíveis de terceirização	- Etapas da cadeia produtiva realizadas pelas empresas que são terceirizadas.	Dados Primários
4. Equilíbrio com ausência de posições privilegiadas	Número de negócios da mesma indústria ou setor.	- Comparação entre a área plantada de cada vinícola.	Dados Secundários
5. Complementaridade por utilização de subprodutos	Número de empresas operando com reciclagem.	- Existência de reaproveitamento de subprodutos.	Dados Primários
6. Cooperação entre empresas do cluster	Níveis de colaboração atribuídos por amostra de executivos do <i>cluster</i> .	- A realização de ações cooperativas.	Dados Primários
7. Substituição seletiva de negócios do cluster	Índices estatísticos de encerramento e abertura de empresas (%/ano).	- Número de abertura de vinícolas nos últimos anos.	Dados Primários

8. Uniformidade do nível Tecnológico	Presença de tecnologias inferiores (%).	- Diferenças de nível tecnológico.	Dados Primários
9. Cultura da comunidade adaptada ao cluster	Porcentual de famílias com um trabalhador do cluster em relação ao número total de famílias da região (%)	- Investigação histórica das origens do <i>cluster</i> , e a porcentagem da população envolvida.	Dados Secundários
10. Caráter evolucionário por introdução de (novas) tecnologias	Indicador qualitativo baseado em opinião de tecnólogos (posição versus situação mais avançada)	- A facilidade na introdução de novas tecnologias e produtos no <i>cluster</i> .	Dados Primários
11. Estratégia de resultado orientada para o cluster	Taxa de aumento do lucro e de ampliação da área abastecida (%).	- Ações voltadas para a estratégia do <i>cluster</i> .	Dados Primários

Quadro 1: Métricas de Avaliação

Fonte: Zaccarelli *et al* (2008), adaptado pelos autores

Foram utilizados dados do município de Sant’Ana do Livramento/RS como parâmetro do cluster vinícola da Fronteira Oeste/RS. Este município foi escolhido devido ao fato de apresentar o maior número de produtores vitivinícolas e a maior produção de uva da Fronteira Oeste/RS (EMBRAPA, 2013).

O universo total da produção vinícola do referido município é composto por quatro indústrias vinícolas, sendo que uma dessas é uma cooperativa; e 18 produtores de variedades de uva voltadas à produção de vinho. Enquanto a amostra estudada foi composta pelas quatro vinícolas santanenses e pela Associação Santanense de Produtores de Uva – ASPROUVA, entidade na qual estão inscritos todos os 18 produtores de uvas voltadas à produção de vinho.

Foram entrevistados quatro gestores de nível gerencial, um de cada vinícola presente no município, e o presidente Associação Santanense de Produtores de Uva – ASPROUVA. Posteriormente foi realizada uma análise de discurso através das transcrições das entrevistas. Esse modelo de análise tem por objetivo extrair o significado profundo contido em discursos. Possibilitando a verificação de correlações e a criação de hipóteses a partir dos relatos de informantes (Rocha; Deusdará, 2005)

4 | ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa serão apresentados da seguinte forma: distinção em subcapítulos entre os fundamentos, apresentação dos resultados e, em alguns casos, uma breve discussão sobre os mesmos.

4.1 Concentração geográfica em área reduzida

MÉTRICA	Sant'Ana do Livramento/RS
Número de Vinícolas	4
Extensão Geográfica	6.941,613 (km ²)
Densidade demográfica empresarial	4 Vinícolas/6.941,613 km ² = 0,000576 vinícolas/Km ²

Quadro 2: Concentração Geográfica de Vinícolas

Em Sant'ana do Livramento/Rs

Fontes: IBGE, (2016); ASPROUVA (2016).

Sant'Ana do Livramento/RS apresenta uma concentração geográfica de vinícolas abaixo do nível de outros dois clusters semelhantes, a Serra Gaúcha (0,015 Vinícolas/Km²) e o Valle del Maule no Chile (0,44 Vinícolas/Km²) (Sarturi *et al*, 2013). Esse índice baixo se dá, grande parte, em função do município ter uma grande extensão territorial e uma baixa densidade demográfica, 11,6 hab/Km² (FEE, 2015b). Enquanto o cluster da Serra Gaúcha é formado por 18 cidades que ocupam uma extensão menor (4.958,657 Km²) que o município santanense ao mesmo tempo que possui uma densidade populacional 11 vezes maior, 128,1 hab/Km² (FEE, 2015b).

Já o Valle del Maule apresenta uma extensão geográfica maior do que o objeto de estudo, 30.296,1 Km², porém é formado por um número ainda maior de municípios, sendo ao todo 30 (Sarturi *et al*, 2013) e também apresentando uma densidade demográfica significativamente superior à do município santanense, 33,5 hab/Km² (INE, 2011).

4.2 Abrangência de negócios viáveis e relevantes

EXISTÊNCIA DE NEGÓCIOS	Respostas Afir-mativas
Outros Produtores de uva	5
Estabelecimento vinícolas – instalações e processamento	5
Produtores de mudas	2
Fertilizantes, pesticidas e herbicidas	1
Fornecedores de Barris	
Fornecedores de Garrafas	
Fornecedores de Tampas e rolhas	
Fornecedores de Rótulos	
Máquinas e Equipamentos	2
Órgãos educacionais e Pesquisa	
Órgãos de fomento, fiscalização e coordenação	
Relações públicas especializadas	

Publicações especializadas	1
Turismo relacionado ao vinho	
Apoio de restaurantes ao vinho santanense	1

Quadro 3: Presença de Negócios

Fonte: Autores

Conforme a resposta dos informantes, Sant’Ana do Livramento/RS apresenta uma baixa variedade de negócios que tenham relação com a viticultura. Outro fator preocupante é que apenas um dos entrevistados relatou que realizar trocas comerciais com esses negócios locais é inviável economicamente. Sendo que este restringiu os negócios rentáveis à compra do excedente da produção de uvas de outra vinícola e a realização de parcerias com restaurantes, churrascarias e hotéis.

Os principais fatores que inviabilizam economicamente esse tipo de trocas comerciais locais, segundo os informantes, são: a pouca experiência das empresas locais, a dificuldade para realização de negociações e a pouca variedade de opções.

Esse baixo número de empresas ligadas à produção de vinho pode ser influenciado por fatores como os altos custos com logística de suprimentos, conforme relatado por um dos gestores.

4.3 Especialização das empresas

Foi utilizado como fator para avaliar o nível de especialização das empresas a existência de terceirização de partes dos processos produtivos dessas organizações. Apenas uma das vinícolas estudadas terceiriza alguma parte da produção, mais especificamente, a produção da uva. Conforme afirmou o entrevistado 3: “a única parte de nossa produção que é terceirizada é a produção de uva, já que somos uma cooperativa... e a produção de uva é feita pelos nossos cooperados”.

Outra vinícola, apesar de realizar todos os processos da cadeia produtiva do vinho, faz o seu engarrafamento em outra cidade: “toda parte de produção de vinho é feita pela nossa empresa, a única coisa que a gente não faz aqui é engarrafar. Mas o engarrafamento perfeito na nossa matriz... na Serra Gaúcha” (Entrevistado 1).

Enquanto, segundo representante da ASPROUVA, nenhum dos 18 produtores pequenos de uva da cidade de Sant’Ana do Livramento/RS fabrica vinho. Como resultado, todos esses, vendem a sua produção para algumas das vinícolas presentes no município.

4.4 Equilíbrio e ausência de posições privilegiadas

VINÍCOLAS	Área Plantada (Ha)
Almadén	575
Aliança	150

Cordilheira de Sant'Ana	25
Salton	635

Quadro 4: Área de Cultivo Das Vinícolas Santanenses

Fontes: Hexsel *Et Al*, (2011); Miolo (2009); Salton (2014); Asprouva (2016).

Conforme os dados apresentados existe uma diferença significativa entre a área plantada das vinícolas santanenses. Esse fator indica uma maior capacidade produtiva de algumas dessas empresas. Como resultado essas organizações podem apresentar uma maior facilidade de negociação do que suas concorrentes. Algo que diminui a possibilidade de uma interação mais complexa de cooperação e concorrência, um fator que pode afetar negativamente o cluster.

Essa discrepância pode ter sido propiciada pelo fato de que duas vinícolas santanenses são originárias de projetos de expansão de organizações de grande porte já estabelecidas em outras regiões (Almadén e Salton). Enquanto as outras duas vinícolas são formadas por um projeto de empreendedorismo local (Cordilheira de Sant'Ana) e por uma cooperativa (Aliança).

4.5 Complementaridade por utilização de subprodutos (recicláveis, inservíveis, rejeitos, etc)

As vinícolas santanenses apresentam uma boa complementaridade por utilização de subprodutos. Todos os entrevistados afirmaram que as vinícolas onde trabalham realizam um processo ativo de aproveitamento de rejeitos provenientes da plantação e processamento da uva por meio de compostagem, tendo por objetivo a produção de adubo com esses tipos de sobras.

4.6 Cooperação entre empresas

Dois dos quatro informantes afirmaram que existe cooperação entre as vinícolas. “Sim, existe. Várias vezes a gente troca informações” (Entrevistado 4). Além das vinícolas também “se emprestar maquinário” (Entrevistado 2) existir o empréstimo de materiais em geral.

Até mesmo um dos informantes que afirmou não haver a realização efetiva de cooperação, também citou a ocorrência de “troca de informações sobre novas tecnologias e fornecedores” (Entrevistado 1). Porém o mesmo não considerou esse fato significativo o suficiente para classificá-lo como um método de cooperação.

4.7 Substituição seletiva de negócios

Nos últimos cinco anos houve apenas o surgimento de uma nova vinícola em Sant'Ana do Livramento/RS, a Salton (ASPROUVA, 2016). Esse índice é considerado baixo ao se levar em consideração outros cluster vinícolas como a Serra Gaúcha

(entre 2004 e 2006 apresentou abertura de 43 empresas) ou o Valle de Maule (entre 2000 e 2010 registrou a abertura de 29 empresas) (Sarturi *et al*, 2013).

Esse número baixo de surgimento de novas vinícolas pode ser um dos resultados de algumas dificuldades que se impõem sobre a abertura de novos negócios. Pois, mesmo que a região apresente um clima apropriado para o cultivo de uva, existem diversos complicadores. Alguns exemplos citados pelos informantes são os altos custos com logística (Entrevistado 1) e a inexistência de organizações na região que desenvolvam mão de obra qualificada ou projetos de cunho estratégico voltados para a produção vitivinícola (Entrevistados 1, 2, 3 e 4).

4.8 Uniformidade de nível tecnológico

Três dos quatro informantes afirmaram que existe uma paridade tecnológica entre essas empresas em Sant’Ana do Livramento/RS. O fator relacionado a essa situação foi a existência de troca de informações entre essas empresas acerca de novos equipamentos e os modos de adquiri-los.

Até mesmo o entrevistado que relatou não existir uma paridade tecnológica entre essas organizações justificou sua resposta afirmando que não existe paridade tecnológica na área de produção de vinhos. Porém, que na área do “manejo e cultivo da uva existe uma semelhança, sim” (Entrevistado 1).

O representante da ASPROUVA, de semelhante modo, também afirmou a existência de uma paridade tecnológica entre os demais produtores de uva. Principalmente em decorrência da facilidade na obtenção de novas tecnologias e mão de obra barata na cidade.

4.9 Cultura da comunidade adaptada ao cluster

MÉTRICA	Sant’Ana do Livramento/RS
Porcentagem da população ligada ao Cluster	650/82.631X100=0,79%
Início do Cultivo de Videiras	1976

Quadro: 5 Cultura da Comunidade Adaptada ao Cluster

Fontes: IBGE (2016); FLORES, (2011); ASPROUVA (2016).

Sant’Ana do Livramento/RS apresenta um índice de população ligada a produção vinícola bem menor do que o encontrado em outros clusters de mesmo tipo, como o Valle de Maule (6,75%) ou a Serra Gaúcha (7,5%). Esse baixo índice pode estar correlato com o fato do início da produção vinícola de Sant’Ana do Livramento/RS ser relativamente recente comparado a esses outros grupos. Tendo início a produção vinícola do Valle de Maule no ano de 1548 e na Serra Gaúcha no ano de 1875.

4.10 Caráter evolucionário por introdução de tecnologias

Três dos quatro informantes afirmaram que a organização onde eles trabalham

apresenta uma grande flexibilidade para a introdução de novos processos organizacionais e novos produtos. Sendo também esse é um dos focos de suas organizações, visando atender a demanda do mercado por novas tendências e modelos de consumo.

Essa valorização da introdução de novas tecnologias e produtos dentro das vinícolas santanenses se desdobra como um reflexo da visão geral do mercado vinícola nacional. Até meados da década de 1990 os produtores brasileiros não se demonstravam preocupados acerca desse tema. Porém, a partir dos anos 2000 iniciou-se uma mudança nesse cenário. Diversas vinícolas tornaram-se grandes conglomerados industriais, introduziram várias mudanças ao longo de seus processos e passaram a investir na produção de diferentes produtos com o foco de diversificar o seu público (Athia; Costa, 2009). Assim conforme a resposta do entrevistado 2: “a gente sempre procura *tá* inovando. Buscando, além de trazer algo novo, conseguir responder àquilo que o nosso público pede”.

O entrevistado 1 relatou que não existia uma grande busca por inovação e criação de novos produtos na vinícola “regional”, mas que isso era feito por parte de um comando maior. Já que a empresa “é uma multinacional, daí essas decisões são tomadas por cargos superiores, então a gente executa”.

Enquanto o representante da ASPROUVA afirmou que os produtores santanenses de uva não apresentam tal flexibilidade. Principalmente, em decorrência de seu foco ser na produção da uva para revenda aos produtores vinícolas.

4.11 Estratégia orientada para o cluster

Apenas um dos entrevistados afirmou que existe uma cooperação entre as vinícolas que visa a realização de ações de cunho estratégico (voltadas à melhora da produção, venda e distribuição do vinho santanense). “Creio que sim. Recentemente teve a criação da Associação dos Produtores de Vinhos da Campanha. Daí dá para certificar que um vinho foi fabricado aqui na região” (Entrevistado 3).

Os demais entrevistados não consideraram esta iniciativa tão significativa. Segundo estes, não existe um diálogo concreto entre as vinícolas santanenses com o foco de ações conjuntas que visem a melhoria da distribuição e da venda de seus vinhos. Fator que é proporcionado pelos diferentes portes das organizações e por suas estratégias serem demasiadamente diferentes e em certos casos sendo centralizadas em suas matrizes.

Outro fato relevante é que todos os entrevistados afirmaram que não existe nenhuma instituição que desenvolva projetos de cunho estratégico para a produção de vinho na região.

4.12 Presença dos fundamentos propostos no cluster vinícola de Sant’Ana do Livramento/RS

Conforme os dados analisados, foi considerado pelos autores que dos 11

fundamentos propostos por Zaccarelli *et al* (2008), o cluster vinícola da Fronteira Oeste/RS apresenta apenas quatro (Fundamentos 5, 6, 8 e 10) com um bom nível de qualidade e outros três (Fundamentos 1, 3 e 9) com um menor nível de qualidade.

Fundamento	Existência
1. Concentração geográfica	Presente em Baixo Nível
2. Abrangência de negócios viáveis e relevantes	Ausente
3. Especialização das empresas	Presente em Baixo Nível
4. Equilíbrio com ausência de posições privilegiadas	Ausente
5. Complementaridade por utilização de subprodutos	Presente
6. Cooperação entre empresas do cluster	Presente
7. Substituição seletiva de negócios do cluster	Ausente
8. Uniformidade do nível Tecnológico	Presente
9. Cultura da comunidade adaptada ao cluster	Presente em Baixo Nível
10. Caráter evolucionário por introdução de tecnologias	Presente
11. Estratégia de resultado orientada para o cluster	Ausente

Quadro: 6 Avaliação do Cluster Vinícola Santanense

Fonte: Autores

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os clusters se configuram como um grupo de organizações presentes em uma concentração geográfica que interagem entre si na forma de cooperação e competição (Santos; Diniz; Barbosa, 2004). Essa coexistência e interação acaba por gerar competitividade para as empresas que fazem parte deste aglomerado. Porém, para se chegar a essa melhora competitiva, é necessário que esse grupo já apresente uma certa maturidade nas suas interações (Castro, 2009).

Sendo assim, a presente pesquisa teve por objetivo analisar a geração de competitividade pelo cluster vinícola da Fronteira Oeste/RS com relação às empresas que o formam. Para se chegar ao objetivo foi realizada uma avaliação desse agrupamento através do modelo teórico Zaccarelli *et al* (2008).

Segundo Zaccarelli *et al* (2008) o processo de evolução dos clusters ocorre mediante a auto-organização e a governança supra empresarial. Posteriormente os autores desenvolveram 11 Fundamentos ligados com esses dois fatores. Sendo possível por meio desses fundamentos avaliar a geração de competitividade do grupo partir de sua existência e qualidade.

Conforme os dados avaliados, dos onze fundamentos apresentados por Zaccarelli *et al* (2008), o cluster vinícola da Fronteira Oeste/RS apresenta apenas quatro (5, 6, 8 e 10) com um bom nível de qualidade e outros três (1, 3 e 9) com um

menor nível. Esses dados indicam que o referido cluster se apresenta em um estágio intermediário. Constatação que corrobora ao fato de que a produção vinícola na região é relativamente recente.

Esse nível evolutivo intermediário do cluster pode ser observado através de três dos quatro fundamentos presentes com um bom nível de qualidade. Dois desses não necessitam de uma ação conjunta efetiva entre as empresas para existirem (Complementariedade por utilização de subprodutos e Uniformidade de nível tecnológico). Enquanto a cooperação existente entre as vinícolas está principalmente relacionada à troca de informações, não chegando a um nível mais elevado, onde são realizadas ações ou projetos conjuntos.

Outro fator relevante é a inexistência de instituições que fomentem melhoras na produção, venda e/ou distribuição de vinho na cidade. Situação que poderia ser revertida através da realização de projetos por parte da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER, ou pelo Campus santanense da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, universidade local que possui cursos ligados à gestão do agronegócio.

Uma possibilidade para a melhora desse quadro seria a formação de um grupo (formal ou informal) que representasse as organizações participantes do cluster, estratégia semelhante à que está presente na cadeia automotiva do Rio Grande do Sul (Albertin, 2003). Um grupo como esse poderia buscar a realização de estratégias conjuntas orientadas para o crescimento do grupo (Fundamento 11), aumentaria o equilíbrio na tomada de decisão dos diversos agentes (Fundamento 4) e poderia realizar lobby entre os governantes e instituições locais buscando incentivar o desenvolvimento de negócios viáveis e relevantes na região (Fundamento 2).

Embora a presente pesquisa tenha apresentado o devido rigor metodológico como modelo de condução de pesquisa, é necessário expor a existência de algumas limitações para a mesma. Destaca-se que a pesquisa bibliográfica realizada não foi exaustiva, podendo assim, ser mais aprofundada em novos estudos. Ao mesmo tempo que a análise do cluster vinícola da Fronteira Oeste/RS foi realizada mediante dados provenientes do município de Sant'Ana do Livramento/RS, o maior produtor da região.

Considerando o fato de que pesquisas acerca dos de cluster apresenta-se como um tema amplo, observa-se como sugestões para estudos futuros: a criação de métricas quantitativas para a avaliação de clusters e estudos sobre outros impactos provenientes desse fenômeno.

REFERÊNCIAS

ALBERTIN, M. **O processo de governança em arranjos produtivos: o caso da cadeia automotiva do RGS**. Porto Alegre. Tese (Doutor em Engenharia da Produção), Faculdade de Engenharia, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção – PPGEP, 2003.

ARTUSO, S. B.; LANGRAFE, T. F.; BOAVENTURA, J. M. G. Como surgem os Clusters? Uma análise

da produção internacional sobre o tema. In: **Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais**, 15., 2012, São Paulo, 2012.

ATHIA, F.; COSTA, A. D. Empresas e tecnologias na nova conjuntura vinícola brasileira do início do século XXI. Curitiba. **Economia & Tecnologia**. v. 18, p. 147-156, jul/set, 2009.

BELUSSI, F.; SAMMARA, A.; SEDITA, S. R. Learning at the boundaries in an “Open Regional Innovation System”: A focus on firm’s innovation strategies in the Emilia Romagna life science industry. **Research Policy**. v. 39, n. 6, p. 710-721, jul, 2010.

CASTRO, L. H. **Arranjo produtivo local**. Brasília: SEBRAE, 2009.

CERVO, L. A.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. (2013). **Cadastro Vitícola - RS**. Disponível em: <<http://www.cnpqv.embrapa.br/pesquisa/cadastro/cds/2008-2012/dados/home.html>>. Acesso em: 16 de jun. de 2016.

FEE – Fundação de Economia e Estatística. (2015a) **Corede Serra**. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Serra>>. Acesso em: 02 de fev. de 2017.

FEE – Fundação de Economia e Estatística. (2015b) **Município: Santana do Livramento**. Disponível em: [<http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/municipios/detalhe/?municipio=Santana+do+Livramento>]. Acesso em: 02 de fev. de 2017.

FLORES, S. S. **Desenvolvimento territorial sustentável a partir dos territórios do vinho: o caso dos “vinhos da campanha”**. Porto Alegre. Dissertação (Mestre em Geografia), Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

GARNICA, J. V. Cluster del Salmón en Chile: análisis de los factores de competitividad a escala internacional. Venezuela. **Revista Venezolana de Gerencia**, v. 14, n. 47, p. 343-370, jul-set, 2009.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas. 2010.

HSIHE, P.; LEE, C.; HO, J. C. Strategy and process of value creation and appropriation in service clusters. **Technovation**. v. 32, n. 7, p. 430-439, abr. 2012.

HEXSEL, A. E. *et al.* Casos de Ensino em Administração: Cordilheira de Santana. Curitiba. **RAC**. v. 15, n. 1, p. 158-172, jan./fev. 2011.

INE – Instituto Nacional de Estadísticas. (2011) **Compendio Estadístico - 2011**. Disponível em: <http://www.ine.cl/canales/menu/publicaciones/compendio_estadistico/pdf/2011/1.2demograficas.pdf>. Acesso em: 02 de fev. de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. (2016) **Sant’Ana do Livramento**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431710>>. Disponível em: 14 de nov. de 2016.

IPIRANGA, A. S. R. Uma discussão teórica sobre aprendizagem, inovação e cultura nos arranjos e sistemas produtivos territoriais. Rio de Janeiro. **Cadernos Ebape.BR**. v. 6, n. 2, p. 1-15, jun. 2008.

LACERDA, C. O. *et al.* Análise comparativa da competitividade dos clusters de confecções nos

municípios de Campina Grande - PB e de João Pessoa - PB: aplicação do modelo teórico de Zaccarelli et al (2008). Recife. **Revista Qualit@s**. v. 15, n. 1, p. 1-20, jan/abr, 2014.

MARINI, M. J.; SILVA, C. L. A mensuração do potencial interno de desenvolvimento de um Arranjo Produtivo Local: uma proposta de aplicação prática. Curitiba. **URBE. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 6, n. 2, p. 236-248, maio/ago, 2014.

MASKELL, P., LORENZEN, M. The cluster as market organization. **Urban Studies**. v. 41, p. 991–1009, jul. 2004.

MENTION, A. Co-operation and co-opetition as open innovation practices in the service sector: Which influence on innovation novelty? **Technovation**. v. 31, n. 1, p. 44-53, mar. 2011.

MIOLO WINE GROUP. (2009) **Pernod Ricard Brasil anuncia venda de Almadén para a Miolo Wine Group**. Disponível em: <<http://www.miole.com.br/noticias/pernod-ricard-brasil-anuncia-venda-de-almaden-para-a-miole-wine-group/>>. Acesso em: 14 de nov. de 2016.

OLIVEIRA, M. F.; TORKOMIAN, A. L. V. Aglomerações produtivas e internacionalização de pequenas empresas. **Revista Ciências Administrativas**. v. 11, n. 1, p. 93-102, ago. 2005.

PETROCCHI, M. **Turismo: planejamento e gestão**. 2. ed. São Paulo: Pearson, 2009.

PORTER, M. E. Clusters and the new economics of competition. **Harvard Business Review**, v. 76, n. 6, p. 77-90, nov/dez, 1998.

PEREIRA, C. E. C. *et al.* Desenvolvimento de métricas para avaliação da competitividade de Clusters: uma aplicação empírica no setor têxtil. São Caetano do Sul. **Gestão & Regionalidade**. v. 30, n. 90, set-dez/2014.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. Rio de Janeiro. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 7, n. 2, p. 305-322, 2005.

RODRIGUES, F. A. M., et al. Proposição de Métricas para Avaliação da Competitividade em Redes de Negócio: uma Aplicação no Setor Siderúrgico Brasileiro. Santa Maria. **Revista de Administração da UFSM**, v. 7, n. 4, p. 532-548, out/dez, 2014.

SALTON. (2014) **Salton registra faturamento de R\$ 296 milhões em 2013**. Disponível em: <<http://www.salton.com.br/noticias/salton-registra-faturamento-de-r-296-milhoes-em-2013>>. Acesso em: 06 de jun de 2016.

SANTOS, G. A. G.; DINIZ, E. J.; BARBOSA, Eduardo Kaplan. Aglomerações, Arranjos Produtivos Locais e Vantagens Competitivas Locacionais. Rio de Janeiro. **Revista do BNDES**. v. 11, n. 22, p. 151-179, dez, 2004.

SANTOS, M. J. Cayendo en las redes: relaciones simbióticas entre instituciones y agro-negocios. México. **Nueva antropología**. v. 25, n. 77, p. 79-107, jul/dez, 2012.

SARTURI, G. *et al.* Análise da Competitividade do Cluster da Serra Gaúcha (Brasil) em Relação ao Cluster Valle del Maule (Chile) através do Modelo Teórico de Zaccarelli et al. (2008). In: **VI Encontro de Estudos em Estratégia**. 6., 2013, Bento Gonçalves, 2013.

SARTURI, G.; VARGAS, C. A. F. ; BOAVENTURA, J. M. G. ; SANTOS, S. A. D. Competitiveness of clusters: A comparative analysis between wine industries in Chile and Brazil. **International Journal of Emerging Markets**. v. 11, p. 190-213, 2016.

SCARPIN, M. R. S.; MONDINI, V. E. D.; SCARPIN, J. E.; VIEIRE, M. P. Análise biométrica de artigos

de clusters e internacionalização em períodos de alto impacto no período de 2000 a 2010. Brusque. **Revista da UNIFEBE**. v. 1, n. 10, jan/jul, 2010.

TISOTT, Sirlei Tonello; SCHMIDT, Verônica; WAQUIL, Paulo Dabdab. Atividade florestal e o desenvolvimento socioeconômico em Três Lagoas e região: uma análise baseada na abordagem de cluster. **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 38, p. 228-260, 2017. B

ZACCARELLI, S. B. *et al.* **Clusters e Redes de Negócios**: uma nova visão para a gestão dos negócios. São Paulo, SP: Atlas, 2008.

ZENG, S. X.; XIE, S. X.; TAM, C. M. Relationship between Cooperation Networks and Innovation Performance of SMEs. **Technovation**. v. 30, n. 3, p. 181-194, 2010.

SOBRE O ORGANIZADOR

Leonardo Tullio - Engenheiro Agrônomo (Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais- CESCAGE/2009), Mestre em Agricultura Conservacionista – Manejo Conservacionista dos Recursos Naturais (Instituto Agronômico do Paraná – IAPAR/2016). Atualmente, doutorando em Ciências do Solo pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, é professor colaborador do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, também é professor efetivo do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais – CESCAGE. Tem experiência na área de Agronomia. E-mail para contato: leonardo.tullio@outlook.com

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-132-9

